

23-04-2020

Sob a ameaça da pandemia e do fascismo vive-se um novo modelo de sociedade no Brasil

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Doutora em Saúde Pública. Coordenadora do Grupo de Ensino e Pesquisa em Câncer - GEPEC da UERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

Ano de 2020, que período confuso e tumultuado. Que cenário inusitado e inimaginável.

Em pleno século XXI sob uma epidemia de doença infecciosa, um modelo de adoecimento que o mundo julgava estar controlado, somos surpreendidos por um cenário apenas descrito em ficção científica, que sempre começa com uma epidemia e que muda a sociedade.

Será que chegamos no momento em que a ficção nos alertava? Muitos apregoam que o mundo não será mais o mesmo, mas a perspectiva otimista que vem sendo apresentada é romântica, sinaliza para um homem mais sensível ao próximo, mais respeitoso com a natureza e outras dimensões nesta direção. Mas o que estamos vivendo é um laboratório social em tempo real.

Em duas semanas reconfiguramos a sociedade. Todos estamos fazendo o nosso trabalho e o de muitos outros a partir da nossa casa.

Em um tempo surreal redesenhamos os postos e os ambientes de trabalho. Além da tripla jornada de trabalho, a jornada profissional, a doméstica e a jornada familiar de criação dos filhos/cuidado com pais, que, *de per sí*, já representa uma enorme carga, em tempos de trabalho domiciliar assumimos o trabalho do professor, do bancário, do cabelereiro, da faxineira, do militante, da costureira, do encanador, da cuidadora, etc... Enfim, em 2 semanas já somos trabalhadores multivalentes (mais que polivalentes) e sem patrão direto, mas servindo a um modelo de sociedade baseada na necropolítica que concentra diversos processos de trabalho na mesma pessoa e ao descumprimento da ameaça contra a morte.

Estamos vivendo um mundo surreal em que a vida segue num novo plano virtual, distante.

A economia e a concentração de renda continuam crescendo e o capitalismo implementou num tempo recorde uma nova forma de exploração sócio-ambiente-emocional-espiritual.

Um novo modelo de educação à distância (EAD) tem sido adotado para todos e quaisquer níveis de formação. A desumanização do processo de ensino-aprendizagem é perigosa e tende a retirar qualquer perspectiva de mudança social pelo caminho da educação.

Até a telemedicina e a telepsicologia estão aceitas. Em duas semanas estamos em outro mundo, isolados, com novas relações sociais estabelecidas e a vida, a exploração econômica e a usurpação de direitos seguem avançando.

Para além dessa organização, a invasão da individualidade chega ao monitoramento pessoal através do telefone celular.

Sob o nome de Sistema de Monitoramento Inteligente, São Paulo criou uma central de inteligência que analisa os dados de telefonia móvel para indicar a tendência de deslocamento das pessoas. Será o "Admirável Mundo Novo", o "Big Brother"??

Aceitamos vender nossa força de trabalho, nossa vida e nossa alma pela ameaça de um vírus??

Nos submetemos a um novo mundo em duas ou três semanas??

Estaremos vivendo sob o modelo da necropolítica, onde abrimos mão da soberania para aceitar que o Estado escolha quem deve viver e quem deve morrer?

Se não é completamente assim, mas é apontado nesta direção a partir de uma distopia, esse modelo que caracteriza uma sociedade "imaginária" controlada pelo Estado ou por outros meios extremos de opressão, definindo as condições de vida, os ministros, os pastores....

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.